

PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alca (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (A. IX)



Anno III

Florianopolis, 30 de Agosto de 1919

Num. 2

S. Bernardo

20 de Agosto

(Versão do hespanhol por Zenir Alca)

Bernardo, primeiro Abade de Claraval, illustre pela santidade de sua vida, por sua doutrina e por seus milagres, e um dos maiores ornamentos da Igreja, nasceu em 1091 em Fontaines, pequena povoao da provincia de Borgonha. Era senhor do mesmo lugar seu pae Tecelino, descendente dos condes de Chatillon.

Tinha Bernardo apenas 14 annos quando perdeu sua mãe, e, como era dotado de todas as graças exteriores da natureza, de um espirito excellente e de grande talento para a oratoria, já o consideravam um jovem de grandes esperanças; porém elle, temendo os perigos a que estava exposto no mundo, tomou a resoluo de deixal-o, abraçando a ordem de Cister.

Seus irmãos e amigos empregaram todos os esforços para demovel-o desse proposito, mas Bernardo lhes falou com tanta energia da pouca solidez dos bens da terra e da grandeza dos do co, que os ganhou a todos para Jesus Christo.

No dia em que se ausentavam da casa paterna, disse Guido, o primogenito, a Nivardo, o mais moço:

—Querido irmão, tu são ficas herdeiro de todos os nossos bens.

—O co para vs, respondeu Nivardo, e a terra para mim? A partilha não  igual, irmão!

Contudo ficou com seu pai, mas pouco tempo depois seguiu seus irmãos. Bernardo tinha são 24 annos, e 1 de profissão, quando o Abade Estevão o nomeou superior do mosteiro de Claraval. Esse mosteiro era muito pobre, pelo que os monges soffriam muitas

privaes, mas Bernardo pouco se affligia com ellas, e exhortava seus religiosos a soffrerem com espirito de penitencia e a se occuparem com os bens do co, os quaes os indemnizavam abundantemente do que tivessem que padecer na terra.

Suas exhortaes produziram muito fructo: viam-se em Claraval homens que, depois de ter sido ricos e honrados no mundo, se gloriavam de ser pobres como Jesus Christo, soffrendo com paciencia, e até com alegria, a fadiga, a fome, a sde, o frio, as perseguies e as affrontas.

Tecelino, (pai de Bernardo), que tinha ficado são em casa, seguiu o exemplo dos filhos, abraçando a vida monastica em Claraval, onde morreu algum tempo depois, em uma ditosa ancianidade.

Não teve menos ditosa sorte sua filha Umbelina, que, indo ver seu irmão Bernardo, fez-lhe tanta impressão sua religiosa conversa, que renunciou tambem a tudo, encerrando-se num convento.

Estas operaes da graça enchiam de goso o corao de Bernardo: sentia um consolo infinito, quando sabia que alguém se consagrava ao serviço de Deus.

Para que aperfeiçoasse sua santificao, Deus o affligiu com diversas enfermidades. Padeceu uma tão perigosa, dois annos depois de sua entrada em Claraval, que já não se esperava sino sua morte, ou uma vida peor que a morte; porém, devido ao cuidado e diligências de Guilherme de Champeau, bispo de Chalons, e  fiel correspondencia de Bernardo aos conselhos do bispo, recobrou a saude.

Toda a Igreja se alegrou com o seu restabelecimento.

Este fiel servo de Deus, que foi devotissimo de Maria Santissima, entregou sua alma ao Creador a 20 de Agosto de 1153.

Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno 4\$000
Mez \$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

Confecção de chapéus

LIÇÕES PRATICAS E FACEIS

(Continuação)

A *copa quadrada* (Fig. 3 e 4) repousa, como a precedente, sobre um circulo de base de arame. Acima deste circulo lançam-se quatro arames dobrando-os em angulo recto á altura de tres centimetros. (O comprimento entre os dois angulos deve ser igual ao circulo de base). Fixam-se estas quatro tra-

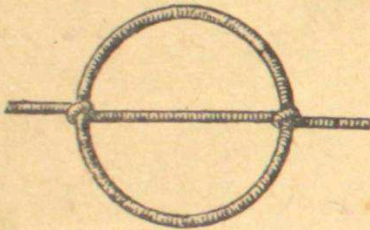


Fig. 3.

vessas ao circulo da base por meio de ganchos modistas feitos por dentro. Estes ganque se dobraram em angulo. O arame neste logar terá, pois, tres centimetros de comprimento para a altura da copa e mais um centimetro para fazer os ganchos. No ponto de cruzamento das quatro travessas, mantel-as por um forte nó de linha.

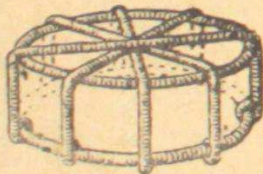


Fig. 4.

Depois fazer um novo circulo de arame, tão largo como o que fica á da base copa, e collocal-o no interior da copa, repousando-o sobre os oito angulos formados pelas quatro travessas. Liga-se o circulo ás travessas em cada angulo por um nó de linha.

(Continúa)

Creudas aristocraticas

Comédia em 3 actos

Adaptação de *Edésia Aducci*

—o—

PERSONAGENS:

D. Emilia Dalben, baroneza.

Zuleika, sua filha.

Amelia, Anastacia, Genoveva e Anna, creudas

Baroneza Flériot.

Condessa Zurbaran.

Wilma, amiga de *Zuleika*.

—o—

SCENA IV

Zuleika e Wilma (que traz uma machina photographica).

Zuleika — Oh! *Wilma*, como estou contente por passar algumas horas contigo!

Wilma — Mas, diz-me, *Zuleika*, que visita têm vocês? Minha tia está afflicta para saber quem são essas fidalgas.

Zuleika — (alegre) Esplendida!, magnifica idéa!

Wilma — Que idéa, *Zuleika*?

Zuleika — Escuta: tua madrinha fala italiano?

Wilma — Não; a unica lingua estrangeira que ella conhece, é a franceza.

Zuleika — Muito bem!... Agora te previno que são nossas hospedas uma marquezita italiana e sua filha, e, além destas, uma princeza deu-nos o prazer de vir a nossa casa.

Wilma — E donde vem, de repente, essa visita?

Zuleika — Sabes o que exijo hoje de ti, *Wilma*? (*Wilma* abana a cabeça, negativamente.) E' que atrapalhes a princeza, falando com ella inglez, francez ou allemão.

Wilma — Não te comprehendo hoje! (Muda de tom repentinamente, lembrando-se de alguma cousa) Ah! já sei por que estás tão mysteriosa: tua mãe nos quer pregar alguma peça!

Zuleika — Oh! não imaginas como estou contente com a idéa de mamãe! Havemos de divertir-nos muito hoje, *Wilma*, mas é preciso que tuas tias nada desconfiem! Vem commigo um instante, antes que as senhoras entrem, que te contarei tudo; mas depois deves dizer ás tuas tias, em conversa, para que não se zanguem, que aqui em casa somos muito alegres, e por isso gostamos de alegrar tambem os nossos hospedes ou visitas, já com agradaveis surpresas, já com interessantes e inoffensivas brincadeiras, ouviste? Mas o que vamos hoje fazer não lhes deves contar, porque então perderia toda a graça.

Wilma — Podes ficar descansada, que não serei indiscreta, e, quanto ao mais, não tenho receio, porque titia conhece tua mãe, já há muito tempo, e á minha madrinha já falei algumas vezes no seu genio alegre e brincalhão.

Zuleika — Então vamos depressa, que ellas não devem tardar! (Saem)

SCENA V

Entram D. Emilia, Anastacia, Anna e Geneveva (as tres ultimas vestidas como senhoras fidalgas).

D. Emilia — (a Geneveva) Então, minha illustre marquessa Di Tanti Palpiti, V. Exia., nestes tres dias, deve fingir que só entende e fala o italiano, e basta dizer estas palavras: Piccolo, Piccolo, si... si... Signora.

Geneveva — (balbuciando) Picco-lo, si-sinora. Ora seja!

D. Emilia — As ultimas palavras, porém, não são italianas, por isso não pôde dizel-as, emquanto for a marquessa Di Tanti Palpiti. Entende?... E V. Exia., signorina Amoretta, deve observar o mesmo que eu disse á marquessa, e responder, sempre que for interrogada: Mio caro, mia cara amica.

Anna — (rindo) Mi-mi caro, mi cara amica!

D. Emilia — Já vae ficando direito. (A Anastacia) V. Alteza saberá, sem duvida, desempenhar bem o seu papel, não?

Anastacia — (com orgulho) Nada mais facil que isso! (Ouvem-se passos)

D. Emilia — Creio que vêem ahi as outras fidalgas. Vou recebê-las. (Vae até a porta).

SCENA VI

Entram a condessa Zurbaran, a baroneza Flériot, Wilma e Zuleika.

Zuleika — (introduzindo na sala a visita) Entrem, minhas senhoras!... Ah! mamãe e as outras senhoras já estão aqui.

B. Flériot — (abraçando D. Emilia) Minha cara amiga, como estou contente por tornar a ver-te!

D. Emilia — Oh! eu tambem me alegro immensamente com a tua chegada, amiga dilecta!

Wilma — (a D. Emilia) Exma. Baroneza, apresento-lhe minha madrinha, a Condessa Zurbaran.

D. Emilia — Tenho o prazer de conhecê-la, Exma. Condessa.

C. Zurbaran — Eu tambem me regosijo por fazer conhecimento com uma tão distincta senhora.

D. Emilia — Oh! isso é bondade sua, pois o prazer é todo nosso, porque passaremos algumas horas em sua agradável companhia. Agora tomo a liberdade de apresentar-lhes, minhas senhoras, as illustres fidalgas que vieram passar alguns dias connosco. Apresento-lhes, pois: a Marquessa Di Tanti Palpiti (Geneveva faz uma inclinação, mas de modo extravagante); sua filha, Signorina Amoretta (Anna idem), e S. Alteza, a Princeza Dubois (Anastacia idem).

Resultado do 7º torneio charadistico

Decifradoras:

Obtiveram os premios as srtas. Blandina Nunes Pires (54 pontos); Maria do Carmo Nunes Pires (54); e Edésia Aducci (52).

Tambem enviaram soluções as srtas.: Iracema Aducci (51), e Alzira da Costa e Silva (39).

Decifrações:

1. Quitute—quite. 2. Madrinha—manha
3. Salepo—sapo. 4. Sarampo—sapo. 5. Isaura—ira. 6. Ratoeira—rara. 7. Papafigo. 8. Programma. 9. Olinda. 10. Sacerdote—dote. 11. Acervo—cervo. 12. Determinar (ou amarfarhar). 13. Irmanar (ou terminar, ou irromper). 14. Precito—preto. 15. Morouço—moço. 16. Matrona—mana. 17. Leite. 18. Atalaia. 19. Reclamo. 20. Lina—anil. 21. Aroma—amora. 22. Omar—ramo. 23. Roma—amor. 24. Marinha—manha. 25. Amora—ara. 26. Penha—penha. 27. Compaixão. 28. Resolução. 29. Pachá. 30. Jalapa. 31. Alberto—alto. 32. Capeiro—caro. 33. Animo—amo. 34. Tecelã. 35. Pavia. 36. Sentinellas. 37. Ricardo. 38. Aparador. 39. Saraiva. 40. Suspenso. 41. Rapariga. 42. Réprobo. 43. Teimoso. 44. Contrabaixo. 45. Janota. 46. Cymbalo. 47. Japana. 48. Heliotropio. 49. Retalho. 50. Dolorosa. 51. Santóla. 52. Sapota. 53. Seminima. 54. Fervorosa—Rosa. 55. Dama—má. 56. Reserva—serva.

DOMINIOS DA ESPHINGE

(8º torneio charadistico)

(Julho, Agosto e Setembro)

Tres premios ás vencedoras

51—54) NOVISSIMAS

Perto do armario nota o homem uma menina—1,1,2.

Si eu estivesse na fazenda, não iria ao mercado nesse dia—2,2.

A criminosa espanca no ataque—1,2.

Nota que no caminho há uma medida—1,2.

I. A.

10) ANCILLA DOMINI

NA INTIMIDADE

Ali era uma criança, era a vaidade de me sentir amada, era certa importancia que me dava o romanesco da afeição que meus paes não approvavam. Tolices! Só agora me sinto verdadeiramente mulher, isto é, capaz de dedicação, de sacrificios, capaz de amar até á morte. Só agora comprehendo o que seja renunciar a tudo: á vontade, aos gostos, para só querer o que o amado quer, depois de se ter deixado o bemdito lar paterno para fundar nova familia.

E' amanhan que Lourenço parte; não posso mais supportar a casa e a presença de toda aquella gente. Sob pretexto de necessidade de exercicio, fugi, trazendo comigo esta carta, que agora escrevo a lapis.

Vim espairar e passear sósinha, por estes extensos campos desertos. E' a hora doce e triste do cahir do dia. O sol começa

a desaparecer no occaso, mas em despedida envolve por alguns minutos a placida campina verdejante, no purpurino manto de sua luz crepuscular.

Cá embaixo, algumas arvores solitarias, esparsas pelo campo, já projectam negras sombras, cada vez mais densas, mais pesadas.

Ao longe uma ovelha bala, triste e lentamente, a chamar talvez o cordeirinho seu... e, neste momento em que te escrevo, tange sonoro e grave o sino da tarde.

Oh! que não posso eu transmittir-te a poesia desta hora? Verás ao menos no papel o signal de minhas lagrimas. Sim, chorei; não pude resistir á melancolia immensa das cousas que me cercam.

Sempre amei a voz dos sinos; aquelle sonoro badalar desperta-me n'alma uma revoadada de sonhos infinitos.

Oh os sinos! no Rio de Janeiro, não se conhece a musica divina que elles sabem tanger; aqui, porém, nesta aldeia perdida dos campos de Minas, é que verdadeiramente o sino fala. Ai mamãe! eu quizera que como eu ouvisses o que elles me sabem dizer.

Falam-me que acima deste triste mundo ha a vida que não decrece, a vida plena, ornada de todo o puro amor. A's nossas almas, rastejantes nas mesquinhas questões de todos os dias, o sino revela um ideal mais nobre: Sursum corda! nos diz elle, excelsior!

E não só isto fala o bronze; ha aqui um bello costume, tão eminentemente christão! Quando uma alma está prestes a deixar a terra, os sinos tocam o dobre de agonia. E' cousa bellissima, mas tão angustiante, tão dolorosa e plangente!

Uma noite destas fui despertada por aquelle funebre tanger, explicaram-me a sua significação: era uma alma na luta suprema, e o bronze sagrado pedia aos fieis uma prece para aquelle que ia partir.

Adeus, mãezinha, hoje só tenho côres funebres na paleta com que te pinto os meus dias aqui vividos.

VIII

— Que fazes ahí sósinha, Mécia?

— Nada.

— Escrevias... e choravas?

— Não, não choro — assim dizendo, Mécia enxugou depressa uma lagrima que a desmentia.

Lourenço ficou algum tempo silencioso, depois, em tom muito grave:

— Eu vou partir, Mécia — e quão pesada me parece agora a solidão do meu aposento de solteiro... Sempre me custou deixar a casa paterna, agora, porém, mais do que nunca. Ah se eu tivesse uma esposa amada que fosse capaz de me acompanhar naquelle ermo!

— Por que não te casas, então, — murmurou a moça, num fio de voz muito tremula e sumida.

— Porque aquella a quem amo... não me amará jamais bastante para sacrificar por mim...

— Ah, então amas a alguem, e nunca me contaste nada?

Mécia estava branca, os labios tremiam-lhe, como de criança prestes a chorar.

— Sim, eu amo... o coração não soube respeitar a distancia que entre mim e ella existe: bem educada e fina, habituada á sociedade elegante e a um meio intellectual, como lhe hei de eu pedir que tudo deixe, e accite em troca a affeição vivissima de um simples provinciano, sem cultura, a não ser a de sua profissão?

— Quem é essa tola, essa idiota, que colloca algo acima do thesoiro da affeição pura?

— Oh Mécia, não repitas impensadamente essa palavra, não se deve dar van esperanza a um condemnado.

A moça, então, não se conteve mais, escondendo o rosto nas duas mãos, poz-se a soluçar.

— Que tens, Mécia, por que choras?

— Oh primo, por quem és, deixa-me, vae-te — oh meu Deus, como sou infeliz!

— Como pode a minha affeição causar-te assim tanta magua? Em que te offendi? Não comprehendes então?...

— Perdoa-me. — Impellida pela franqueza innata de seu caracter, Mécia accrescentou rubra de pejo: Eu não sabia que já não tinhas livre o coração... perdoa-me, tudo farei para esquecer-te, mas deixa-me, deixa-me por favor!

— Mécia, será possível tamanha ventura? e nós a falarmos, ha tanto tempo, sem nos comprehendermos! Tu me amas? Serias capaz de sacrificar por mim os teus gostos, e vir internar-te na roça? Oh Mécia, será possível?

— Mas... e a outra? — retorquiu Mécia ainda hesitante.

— Que outra? não adivinhaste então a quem eu me referia, minha amada?

Mamãe, papae, abençoe-me, escrevia Mécia nessa noite, eu sou a creatura mais feliz deste mundo. Mando-vos as minhas anteriores lamentações que já estavam escriptas, assim vereis quanto eu o amo. Sei que este affecto ha de ser abençoado por ti, mãe, e que papae tambem o approvará.

Vem depressa buscar-me, pae, quero derramar quanto antes no coração da boa mamãe, todo o excesso de jubilo que o meu não pode mais conter. Como Deus é bom, e quantas graças lhe devemos nós render... Lourenço parte amanhã, é o dever que o chama...



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianópolis
Rua 28 de Setembro N.º 8.